

TEMPO, MEMÓRIA E INTERATIVIDADE: A TEMPORALIDADE EM THE BOAT (2015)

TIME, MEMORY, AND INTERACTIVITY: TEMPORALITY IN THE BOAT (2015)

TIEMPO, MEMORIA E INTERACTIVIDAD: LA TEMPORALIDAD EN THE BOAT
(2015)

**Carlos Eduardo de Araujo Placido¹, Carla Drielly Costa Santana², Juliano de Mesquita
Pinheiro³, Flavianny Monteiro Carvalho⁴**

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6240

Recibido: 15/06/2026 | Aceptado: 10/07/2026 | Publicación en línea: 20/07/2026.

RESUMO

A narrativa digital *The Boat* (2015) é uma adaptação multimodal do conto de Nam Le produzida pela SBS Australia. Esse estudo investiga a construção da temporalidade na obra partindo da transformação do suporte literário e da incorporação de recursos audiovisuais e interativos. Discute-se como a obra reformula o tempo narrativo tradicional, deslocando-o da linearidade e instaurando uma experiência temporal fragmentada, sensorial e participativa. Para compreender esse fenômeno, articula-se um arcabouço teórico que envolve Alfredo Bosi (1992; 2000), Antonio Candido (1995), Benedito Nunes (1988), Byung-Chul Han (2015), Gérard Genette (1995), Meyer H. Mendilow (1972) e Octavio Paz (1971). A análise demonstra que *The Boat* (2015) opera simultaneamente com múltiplas temporalidades: a ordem, duração e frequência genettianas são reconfiguradas pela interação do leitor-usuário; a duração fenomenológica descrita por Nunes transforma-se em fluxo experiencial; a coexistência temporal de Mendilow adquire materialidade visual e sonora; e a densidade poética discutida por Bosi e Paz é atualizada na imersão propiciada pela interface digital. Argumenta-se que a narrativa converte a travessia dos refugiados vietnamitas em um espaço-tempo híbrido, no qual memória, trauma e percepção do leitor se entrelaçam. Conclui-se que a temporalidade em *The Boat* (2015) é representada e construída pela interação, evidenciando um modelo estético próprio das literaturas digitais contemporâneas, no qual o tempo opera além da estrutura, como experiência sensorial, ética e existencial.

Palavras-chave: Temporalidade. Multimodalidade. *The Boat*. Interatividade.

¹ Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: carlos.placido@ufms.br

² Mestra em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: carla.santana@ufms.br

³ Mestre em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: juliano.pinheiro@ufms.br

⁴ Mestra em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: f.monteiro@ufms.br

ABSTRACT

The digital narrative *The Boat* (2015) is a multimodal adaptation of Nam Le's short story produced by SBS Australia. This study investigates the construction of temporality in the work, starting from the transformation of the literary medium and the incorporation of audiovisual and interactive resources. We discussed how *The Boat* (2015) reformulates traditional narrative time, shifting it from linearity and establishing a fragmented, sensory, and participatory temporal experience. To understand this phenomenon, we articulated a theoretical framework that involves Alfredo Bosi (1992; 2000), Antonio Candido (1995), Benedito Nunes (1988), Byung-Chul Han (2015), Gérard Genette (1995), Meyer H. Mendilow (1972), and Octavio Paz (1971). The analysis demonstrated that *The Boat* (2015) operates with multiple temporalities simultaneously: the Genettian order, duration, and frequency are reconfigured by the interaction of the reader-user; the phenomenological duration described by Nunes transforms into experiential flow; Mendilow's temporal coexistence acquires visual and sonic materiality; and the poetic density discussed by Bosi and Paz is updated in the immersion provided by the digital interface. We argued that the narrative transforms the journey of Vietnamese refugees into a hybrid space-time, in which memory, trauma, and the reader's perception intertwine. Therefore, we concluded that temporality in *The Boat* (2015) is represented and co-constructed through interaction, evidencing an aesthetic model characteristic of contemporary digital literatures, in which time operates beyond structure, as a sensory, ethical, and existential experience.

Keywords: Temporality. Multimodality. *The Boat*. Interactivity.

RESUMEN

La narrativa digital *The Boat* (2015) es una adaptación multimodal del cuento de Nam Le producida por SBS Australia. Este estudio investiga la construcción de la temporalidad en la obra, partiendo de la transformación del medio literario y la incorporación de recursos audiovisuales e interactivos. Discute cómo la obra reformula el tiempo narrativo tradicional, desplazándose de la linealidad y estableciendo una experiencia temporal fragmentada, sensorial y participativa. Para comprender este fenómeno, se articula un marco teórico que involucra a Alfredo Bosi (1992; 2000), Antonio Candido (1995), Benedito Nunes (1988), Byung-Chul Han (2015), Gérard Genette (1995), Meyer H. Mendilow (1972) y Octavio Paz (1971). El análisis demuestra que *The Boat* (2015) opera simultáneamente con múltiples temporalidades: el orden genettiano, la duración y la frecuencia se reconfiguran por la interacción del lector-usuario; la duración fenomenológica descrita por Nunes se transforma en flujo experiencial; La coexistencia temporal de Mendilow adquiere materialidad visual y sonora; y la densidad poética analizada por Bosi y Paz se actualiza en la inmersión que proporciona la interfaz digital. Se argumenta que la narrativa transforma el viaje de los refugiados vietnamitas en un espacio-tiempo híbrido, donde la memoria, el trauma y la percepción del lector se entrelazan. Se concluye que la temporalidad en *El Barco* se representa y se construye conjuntamente a través de la interacción, evidenciando un modelo estético característico de las literaturas digitales contemporáneas, en el que el tiempo opera más allá de la estructura, como una experiencia sensorial, ética y existencial.

Palabras clave: Temporalidad. Multimodalidad. *The Boat*. Interactividad.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A narrativa digital *The Boat* (2015), adaptação interativa do conto homônimo de Nam Le, apresenta a trajetória de uma jovem vietnamita chamada Mai, que, após a queda de Saigon, embarca em um navio de refugiados em direção à Austrália. Ao longo da travessia marítima, marcada por tempestades, medo, violência, doença e perda, a obra acompanha a experiência coletiva e íntima dos passageiros, criando uma atmosfera de constante tensão entre sobrevivência e desespero.

Diferentemente da versão impressa, a narrativa digital mobiliza recursos multimodais. O texto dos balões de fala e legendas se deslocam pela tela conforme o leitor-usuário desliza o dedo pelo seu smartphone ou rola o mouse de um computador. O som de vento, chuva e motores cria uma ambientação sensorial e as ilustrações em movimento reforçam o caos do mar. Em certos trechos, a escuridão e a lentidão visual espelham o estado psicológico dos personagens. Assim, *The Boat* (2015) é uma narrativa que exige participação ativa do leitor, que literalmente controla o tempo da história na palma da mão.

O tempo em *The Boat* (2015) é peculiar, pois depende da participação do leitor que também é um “usuário” do ambiente virtual da narrativa. À luz dessa configuração estética e interativa, analisar o tempo em *The Boat* demanda ultrapassar os limites da narrativa literária tradicional. O conceito de temporalidade torna-se híbrido, articulando dimensões do tempo textual, do tempo vivido pelos personagens e do tempo experiencial do leitor-usuário.

Nesse sentido, é necessário recorrer às contribuições de Gérard Genette (1995), Benedito Nunes (1988) e Mendilow (1972), cujas reflexões sobre ordem, duração, frequência, fluxo e simultaneidade permitem compreender como a obra digital reorganiza o tempo narrativo. Assim, o estudo parte dessas bases teóricas para demonstrar como *The Boat* (2015) constrói uma temporalidade fragmentada, sensorial e participativa.

O tempo para Gérard Genette (1995) é marcado por uma linearidade. Essa linearidade refere-se ao modo de organização em que a ordem dos eventos no discurso acompanha, de forma direta ou aproximada, a ordem dos acontecimentos na história. Em *The Boat* (2015), primeiramente há uma temporalidade que se aproxima de uma sequência linear. No ambiente digital da narrativa, esse princípio é inicialmente sugerido pela estrutura de rolagem contínua,

seja pelo movimento do mouse, seja pelo deslizar dos dedos na tela, que permite que o texto avance aparentemente de forma progressiva.

A mecânica interativa da obra também redefine o ritmo, a duração e a frequência do tempo. O leitor-usuário possui a capacidade de controlar a velocidade, a pausa, o retorno ou a repetição dos segmentos narrativos com as pontas dos dedos. Assim, cada combinação entre texto, imagem, som e movimento forma episódios breves que o leitor percorre no seu próprio tempo de leitura. Essa interatividade possibilita interrupções, imersões sensoriais, acelerações ou retornos que rompem o fluxo cronológico tradicional. Por esta razão, a obra opera simultaneamente com uma linearidade sugerida e com uma antirritmia interativa que tensiona as categorias genettianas de ordem, duração e frequência.

A simultaneidade e a intersecção de temporalidades é grandemente explorada em *The Boat* (2015). A obra inclui as temporalidades histórica, pessoal e musical (Paz, 1971; Candido, 1995). A jornada de Mai pelo mar após Saigon remete a um período histórico caracterizado por migração, deslocamento e memória coletiva, ao mesmo tempo, o uso da música, da animação e da interação projeta uma experiência imediata na qual o leitor se depara com a incerteza, a vagueza e a espera, articulando o que Paz (1971) chamaria de "tempo íntimo" da subjetividade poética.

A literatura integra o fluxo histórico-social (Candido, 1995). A narrativa digital *The Boat* (2015), é um exemplo de como as narrativas literárias se transformam em resposta a novos contextos tecnológicos e culturais. Essas temporalidades convergem em *The Boat* (2015), que é uma história de migração e também um experimento de temporalização digital. A fragmentação do tempo (saltos, pausas, interrupções) combinada com a simultaneidade imagem-som-texto produz uma forma de subjetivação do leitor que se insere na temporalidade própria do meio digital. Essa articulação possibilita ler a obra em uma condição temporal híbrida, na qual o "tempo da história" (migrante) e o "tempo da leitura digital" se entrelaçam. De acordo com Bosi (2000), a criação literária pode receber uma "profundidade temporal", como ocorre no entrelaçamento do tempo do migrante e da leitura feita pelo leitor-usuário da obra.

A linguagem poética combina arranjos verbais e processos de significado, evocando sentimentos e imagens em um tempo denso, subjetivo e histórico (Bosi, 2000). Nesse sentido, a narrativa multimodal de *The Boat* (2015) rompe com a linearidade tradicional e opera na dimensão do "tempo denso", um tempo que existe entre a memória, a imagem e a experiência sensorial. Bosi (2000) vê a poesia como uma forma de resistência contra o "presente cego" e

como um processo que evoca "o passado mítico, as ambiguidades do sonho ou as imagens do futuro".

A resistência temporal se evidencia na narrativa digital The Boat (2015) quando, por exemplo, o leitor se depara com pausas, retrocessos, pistas visuais e auditivas que expandem a narrativa, o "tempo da leitura" torna-se o "tempo da experiência". Nessa perspectiva, a narrativa assume a forma de um dispositivo que articula os "tempos da história" (migração, memória coletiva) com os "tempos da subjetividade" (rolagem, imersão, pausa interativa) e os "tempos da forma" (à luz analítica de Bosi (2000) sobre o ritmo-frase e a musicalidade do signo).

Assim, esta narrativa digital revela um espaço híbrido de temporalização, onde a categoria narrativa-tempo exige que sejamos sensíveis não apenas à sequência (ordem, duração e frequência), mas também à elasticidade temporal, à densidade sensorial e às múltiplas trajetórias de leitura possíveis.

A narrativa digital The Boat (2015) possui diversas peculiaridades em sua categoria narrativa tempo, conforme mencionado acima. Entretanto, os estudos recentes publicados sobre essa obra focam no uso da obra em contextos específicos. O estudo de Lehman (2020), por exemplo, focou na conceitualização da kinotextualidade e nos recursos de movimento da obra. O estudo de Kwak (2021) analisou a capacidade de The Boat de servir como um apoio emocional e leitura terapêutica para pessoas que enfrentam traumas em razão da imigração. Além disso, o estudo de Miles; Boltin (2024) averiguou o uso da obra como uma ferramenta pedagógica focada no aprendizado em ambiente virtual. Já o estudo de Placido; Pinheiro; Carvalho (2024) analisou as características ciberculturais presentes na obra.

Portanto, o presente estudo objetiva investigar a temporalidade na narrativa digital The Boat (2015) por meio de análise literária fundamentada na narratologia e na leitura de recursos audiovisuais e interativos de uma narrativa multimodal. Nesse sentido, o estudo discutirá os modos que a narrativa digital analisada é capaz de reformular o tempo narrativo, deslocar a linearidade e instaurar uma experiência temporal única que depende da interatividade do usuário com o ambiente virtual.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tempo Narrativo de Gérard Genette e Desdobramentos na Narrativa Digital

A categoria temporal na narrativa, segundo Gérard Genette (1995), se organiza em três dimensões fundamentais: ordem, duração e frequência, que definem a relação entre o tempo da história e do discurso. A ordem refere-se ao modo como o discurso rearranja a sequência cronológica dos acontecimentos; a duração diz respeito à proporção entre o tempo da história e o tempo empregado pelo discurso para narrá-la; e a frequência trata da relação entre o número de ocorrências de um evento na história e o número de vezes em que ele é narrado. Para Genette (1995, p. 77), essas categorias “permitem compreender as articulações possíveis entre sucessão, condensação e repetição na estrutura narrativa”. A partir desse aparato conceitual torna-se possível observar como tais dimensões se reconfiguram no ambiente digital.

Em *The Boat* (2015), a narrativa multimodal desloca essas categorias para um regime perceptivo e interativo, a ordem pode ser retomada ou suspensa pela rolagem do mouse ou pelo deslizar dos dedos; a duração torna-se variável, pois depende da velocidade, hesitação ou curiosidade do leitor-usuário; e a frequência adquire caráter sensorial e performativo, já que determinados sons, imagens ou movimentos podem se repetir conforme a interação. Essa reconfiguração aproxima a experiência temporal da concepção poética descrita por Octavio Paz, segundo a qual “a poesia é o presente perpetuado, a presença do tempo no instante” (Paz, 1971, p. 27). Assim, *The Boat* (2015) transforma cada gesto do leitor em um instante expandido, no qual passado narrado e presente da recepção se entrelaçam, convertendo o tempo em experiência sensorial e não apenas em sucessão cronológica.

A temporalidade em *The Boat* (2015) reorganiza a categoria de ordem ao deslocar a linearidade clássica para uma lógica sensorial mediada pela interação do leitor. Segundo Gérard Genette (1995), a ordem diz respeito à relação entre os eventos narrados e a cronologia da história, relação que é tensionada na obra digital, pois o leitor não apenas recebe os acontecimentos, mas os atualiza por meio de suas ações na interface, rolando, pausando, retomando e guiando o fluxo narrativo.

Essa dinâmica dialoga com a concepção de Octavio Paz, para quem “o passado e o futuro se reconciliam no presente absoluto da imagem” (*O arco e a lira*, 1971, p. 95), fazendo com que o tempo do enredo, marcado por memórias traumáticas e deslocamentos, se misture ao tempo

literário e ao tempo perceptivo do usuário. Assim, a ordem narrativa deixa de seguir uma sequência cronológica rígida para aderir a um regime fragmentário da memória, em que imagem, som e texto se sobrepõem para reinscrever continuamente o trauma.

Nesse mesmo horizonte de reconfiguração temporal, a duração, categoria que Genette (1995) define como a razão entre o tempo da história e o tempo do discurso, é profundamente transformada pela manipulação temporal possível nas mídias digitais. Nessa experiência multimodal, prevalece aquilo que Alfredo Bosi (2000, p. 57) denomina “tempo denso e dramático da experiência poética”, no qual a intensidade emocional suplanta o tempo cronológico e converte a narrativa em vivência sensorial.

A frequência, ou repetição, dos eventos narrativos assume um papel simbólico e melódico na obra. Os sons da chuva, do motor do barco ou os gritos que ecoam pela saída de ar são todos referências sonoras que expressam o ritmo interno da história e servem como indicador da memória traumática. Essa recorrência sensorial é semelhante ao que Bosi (1992, p. 18) denomina “modo defensivo de resistência poética”, no qual a linguagem remete ao passado para ressignificar o presente. Em *The Boat* (2015), a reiteração sonora evoca e reencena o trauma, criando um tempo cíclico que combina o “tempo da recordação” e o “tempo da leitura”, que Paz descreve como “um retorno que nunca é o mesmo” (1971, p. 102).

Dessa forma, a multimodalidade digital reposiciona e reconfigura as categorias genettianas. Em *The Boat* (2015), a temporalidade revela-se como uma estrutura fluida, sensorial e dialética, na qual o ritmo da narrativa é determinado pela interação do leitor e convergem o tempo histórico, psicológico e poético. Nesse sentido, a obra pode ser compreendida à luz do que Candido (1995) chamou de “forma social da arte”, agora reconfigurada no contexto contemporâneo. A literatura, mesmo em formato digital, continua a refletir e a renovar o tempo humano nas suas múltiplas dimensões.

Ainda no horizonte da temporalidade contemporânea, Byung-Chul Han (2015) lança uma chave conceitual relevante para pensarmos o tempo da narrativa digital: ele afirma que “não estamos mais diante da aceleração do tempo, mas de sua fragmentação”, o que denomina “dissincronia”, isto é, uma atomização temporal sem rumo, ordem, ou duração que confere à existência contemporânea uma forma de vazio cronológico. Segundo Han (2015), a modernidade perdeu a teleologia e a historicidade que antes estruturavam a experiência literária e social, transformando-se em “meras sucessões presentes” difíceis de distinguir umas das outras. Essa perspectiva está diretamente relacionada às mudanças de ordem, duração e frequência que

encontramos em Genette (1995), bem como à resistência temporal que Bosi (2000) e Paz (1971; 2000) atribuem à poesia e à literatura.

Essa dimensão pós-moderna do tempo, atomizada, fragmentada e sem garantia de progresso linear, encontra respaldo teórico e estético na obra *The Boat* (2015). O texto narrativo digital interativo incorpora a dissonância de Han (2015) quando o leitor é convidado a retroceder, pausar, repetir ou acelerar sua navegação; cada quadro multimodal gera "instantes iguais" e, ao mesmo tempo, diferentes, que juntos compõem a afirmação do teórico de que "todo momento é idêntico, monotônico; não há sentido nem significado". Nesse sentido, *The Boat* (2015) revela um espaço liminar no qual o tempo da história (migração, trauma, memória) e o tempo da literatura interativa se entrelaçam em fragmentos que não necessariamente se fundem em uma narrativa teleológica ou cronológica, mas sim em uma "experiência sensorial temporal".

Por fim, a articulação teórica com Han (2015) reforça a ideia de que a narrativa digital desafia a linearidade tradicional: o tempo não avança apenas para alcançar um destino, como nas narrativas clássicas de formação ou progresso, mas sim para se fragmentar, sufocando memórias e promessas do futuro em um presente que se projeta continuamente no futuro. Essa condição torna-se particularmente evidente em *The Boat* (2015), onde as categorias de ordem, duração e frequência revelam formas híbridas, interativas e pós-narrativas, e na qual o leitor-usuário assume o papel de mediador de uma temporalidade que é simultaneamente construída e experimentada. Essa perspectiva enriquece o arcabouço analítico ao incorporar não apenas a estrutura temporal da narrativa, mas também a crise temporal contemporânea, o "tempo pós-moderno" de Byung-Chul Han (2015), e como essa crise reconfigura estética e eticamente a literatura em ambientes digitais.

Tempo Pós-Moderno e Narrativa Digital

Em um mundo caracterizado pela tecnologia e pelas mídias digitais, Byung-Chul Han (2015) oferece uma formulação teórica para a reflexão sobre o tempo na narrativa digital. Ele argumenta que não estamos diante da aceleração do tempo como paradigma predominante, mas sim de sua fragmentação ou "atomização", a "desliza" do tempo entre momentos não articulados, sem engajamento narrativo ou duração substancial. Segundo Han (2015), "o tempo atomizado é um tempo descontínuo". Assim, não há continuidade entre os eventos e, como resultado, perde-se a conexão e a duração. Essa condição, que ele também denomina "dissincronia", estabelece

uma temporalidade feita de intervalos “entre-tempos” descontínuos.

Aplicando essa perspectiva à análise de *The Boat* (2015), percebe-se que a obra digital evidencia um traço característico da temporalidade pós-moderna: a interatividade transforma o leitor em coautor do ritmo narrativo. Isso ocorre porque o avanço da história depende de ações concretas do usuário, como a rolagem contínua do mouse, o deslizar dos dedos na tela de um smartphone ou o toque que interrompe e reinicia o movimento visual. Esses gestos tornam possível pausar, repetir, acelerar e retardar a leitura, instaurando aquilo que Byung-Chul Han (2015) denomina “dissincronia”, isto é, um tempo fragmentado que dissolve a linearidade cronológica.

Nesse ambiente multimodal, as categorias temporais propostas por Gérard Genette (1995) são reconfiguradas: a ordem é constantemente perturbada pela liberdade de interação, a duração torna-se variável conforme o ritmo imposto pelo corpo do leitor-usuário, e a frequência assume contornos sensoriais ao integrar som, imagem e texto em camadas sobrepostas. Simultaneamente, o “tempo denso” descrito por Alfredo Bosi (2000) e as temporalidades mítica, histórica e íntima delineadas por Octavio Paz (1971) encontram eco na arquitetura narrativa da obra, que articula a memória histórica da migração, o fluxo subjetivo da leitura e a interface digital como meio temporal. Assim, *The Boat* (2015) não apenas representa o tempo: ele o distribui entre máquina, corpo e linguagem.

Assim, a incorporação da abordagem de Han (2015) fortalece o arcabouço teórico ao demonstrar que as narrativas digitais adotam formas literárias clássicas e introduzem uma condição temporal peculiar à era pós-moderna: o tempo não avança mais segundo um arcabouço teleológico, mas fragmenta-se, replica-se e se inscreve na memória, exigindo que o leitor-usuário adote uma nova forma de habitar no “tempo da narrativa”. Consequentemente, *The Boat* (2015), à luz da reflexão de Han (2015) e reformulado teoricamente por Genette (1995), Bosi (2000) e Paz (1971), não é apenas um exemplo de narrativa digital multimodal, mas também um exemplo paradigmático da crise narrativa da contemporaneidade.

Tempo Existencial e Fenomenológico em Benedito Nunes

A temporalidade literária em *The Boat* (2015) pode ser compreendida também a partir de uma perspectiva fenomenológica, na qual o tempo da narrativa se entrelaça ao tempo da consciência que o experiencia. Nesse sentido, Nunes (1988) argumenta que essa temporalidade

na ficção não se reduz a um esquema cronológico, mas se manifesta como fluxo, duração e presença, porque “o tempo literário é o tempo vívido na linguagem” (Nunes, 1988). Trata-se de uma concepção que dialoga com a *durée* bergsoniana e com a noção heideggeriana de ser-no-tempo, segundo as quais a temporalidade é sempre experimentada desde um ponto de vista encarnado e existencial.

A partir dessa perspectiva, a narrativa digital radicaliza essa dimensão ao transformar a travessia dos personagens (migrantes submetidos ao medo, à espera e ao deslocamento) em uma experiência sensorial que envolve o leitor. Sons, imagens e movimentos emergem como elementos que reproduzem o fluxo da consciência em estado de tensão, fazendo com que o percurso narrativo deixe de ser apenas uma sucessão de eventos e se converta em vivência temporal contínua. Assim, a multimodalidade da obra transporta a experiência existencial dos personagens para um tempo interativo que, mais do que representado, é efetivamente vivido pelo leitor.

A multimodalidade digital expande o que chamamos de “tempo vívido” na linguagem para “tempo vívido” na interface. A narrativa se transforma em uma experiência sinestésica na qual a percepção do leitor é influenciada pelas vozes, ritmos e movimentos dos personagens, que materializam o tempo dentro deles. Segundo Nunes, “a literatura é uma forma de estar presente e não mera representação” (Nunes, 1988, p. 37). Essa presença se torna tangível em *The Boat* (2015) pela fusão de linguagem e corpo: o som da água, da maré e o ritmo da leitura criam um tempo físico que suspende a distância entre o leitor e o personagem. Nesse ambiente, o tempo narrativo é o movimento primordial da consciência, seja dilatado pela esperança e pela medicina, seja contraído pela urgência da sobrevivência.

Essa compreensão fenomenológica do tempo pode ser encontrada na reflexão de Octavio Paz em *O Arco e a lira* (1971), em que o poeta afirma que “o tempo é a substância da qual somos feitos” e que a poesia devolve ao ser humano “a plenitude do instante”, um presente intensificado capaz de romper com a linearidade cronológica. Semelhante à experiência poética de Paz, *The Boat* (2015) propõe uma temporalidade que é também revelação do eu, na qual o momento sensorial toma o lugar de uma narrativa progressiva. Assim, o tempo torna-se “presente” no sentido proposto por Nunes (1988) e Paz (1971): não um tempo medido, mas um tempo sentido e experimentado em que passado e presente aparecem numa mesma tessitura afetiva.

A temporalidade fragmentada da contemporaneidade também repercute na forma como a narrativa digital organiza a experiência do tempo. Nessa perspectiva, Han (2015), em *O aroma*

do tempo, descreve a modernidade tardia como marcada pela *dissincronia*, isto é, um tempo atomizado e incapaz de produzir experiência duradoura. Segundo o filósofo, a aceleração típica do presente “aniquila a experiência de permanência” (Han, 2015, p. 18), dissolvendo o vínculo entre os momentos e impedindo qualquer sedimentação temporal.

Em contraste, *The Boat* (2015) opera como uma resistência estética a essa atomização, ao instaurar uma temporalidade contemplativa que exige do leitor habitar o tempo narrativo, em vez de simplesmente consumi-lo. Essa proposta narrativa aproxima a obra da concepção elaborada por Bosi (2000), para quem a literatura cria “densidade temporal” ao reter a experiência e suspender a fluidez imediata do instante. Como afirma o crítico, “a literatura é o lugar da demora” Bosi (2000), e é precisamente nessa demora que a narrativa digital revela a profundidade humana do tempo vivido.

Nesse horizonte baseado em fenômenos, a genettiana da duração também é reorganizada. Em *The Boat* (2015) a interatividade dissolve a diferença temporal entre os tempos narrativo e discursivo: o tempo narrativo é o tempo do leitor. Semelhante a Nunes(1988), o tempo é medido para criar vida, e essa vida é construída por meio da linguagem, aqui, expandida para incluir recursos multimodais. O ritmo imposto pela interface transforma o tempo cronológico em tempo existencial, onde o leitor não apenas compreende o drama da jornada, mas também o vivencia fisicamente.

Assim, no âmbito digital, a narrativa realiza o que Nunes (1988), Paz (1971) e Bosi (2000) reconhecem como o elemento fundamental da arte literária: a “transformação do tempo em experiência”. Segundo Han (2015), essa experiência surge como um meio de resistência à dispersão pós-moderna, criando um espaço de presença, resistência e consciência. Como resultado, a obra digital não apenas retrata o mundo real, mas também o recria por meio de um fenômeno, dando à literatura, agora com suporte interativo, a capacidade de criar um senso duradouro de ética e sensação.

O Presente Ficcional e Valores Temporais Segundo Mendilow

A narrativa contemporânea frequentemente rompe com a linearidade temporal tradicional ao instaurar um regime de simultaneidade que redefine a experiência do leitor. Nesse contexto, Mendilow (1972) observa que o romance moderno abandona o tempo cronológico contínuo e institui o chamado *presente ficcional*, um modo temporal em que passado e presente coexistem e

se interpenetram tanto na consciência das personagens quanto na própria forma narrativa. Para o autor, “a experiência temporal do romance moderno não é o movimento progressivo, mas a simultaneidade de estados de ser” (Mendilow, 1972, p. 45), o que evidencia uma reorganização profunda da temporalidade literária. Essa concepção antecipa, de modo significativo, a pluralidade temporal que se tornaria característica da arte digital. Em *The Boat* (2015), tal simultaneidade se torna tangível por meio de recursos visuais e sonoros que articula memória e acontecimento, fazendo da travessia marítima um espaço simbólico no qual o tempo psicológico das personagens se funde à experiência perceptiva do leitor-usuário, instaurando uma temporalidade expandida e imersiva.

A experiência multimodal da narrativa expande o "presente ficcional" transformando-o em "presente imersivo". O som do mar e das ondas, as pausas entre os quadros e as transições animadas não apenas acompanham a história, mas também criam um período temporal realista no qual o leitor é envolvido por memórias e percepções simultâneas. Mendilow observa que, na ficção contemporânea, o tempo não é uma linha, mas sim "um campo de forças no qual cada evento é dotado do antes e do depois" (1972, p. 63). Essa formulação é semelhante ao conceito fenomenológico de "fluxo de consciência" de Benedito Nunes (1988), segundo o qual o tempo literário é inseparável da duração da consciência. Em ambos os casos, o tempo narrativo é uma experiência interna de "intensidade e continuidade", e não um sucesso.

Essa simultaneidade de estados também interage com o conceito de "tempo poético" de Octavio Paz. Em *O Arco e a Lira* (1971), Paz afirma que "o presente é o único tempo real na poesia" e que o ato poético suspende o fluxo cronológico para criar um "instante total". Essa "plenitude do agora" encontra paralelo em *The Boat* (2015), cuja estrutura multimodal oferece uma experiência de leitura que é simultaneamente memória e percepção, um presente saturado de passado. A coexistência temporal sugerida por Mendilow (1972) adquire uma dimensão estética e ontológica: o presente ficcional configura-se como o espaço no qual a linguagem, ou, no caso da narrativa digital, a interface, encarna o tempo humano.

Em contrapartida, a fragmentação descrita por Mendilow (1972) encontra correspondência na “crise temporal pós-moderna” identificada por Byung-Chul Han. Segundo Han (2015), em *O aroma do tempo*, “o tempo atomizado, perdeu o ritmo e a direção”, criando uma série de momentos não resolvidos que “não se encaixam em narrativas”. Nesse contexto, *The Boat* (2015) assume um caráter paradoxal, ao mesmo tempo que destaca a dissonância pós-moderna por meio da fragmentação de quadros e da interação não linear, também propõe uma

“re-narrativização do tempo”, uma tentativa de restaurar a duração por meio da experiência sensorial. Nesse cenário, Han (2015) vê a cultura digital como um sinal da perda do sentido temporal. *The Boat* (2015) transforma o próprio meio tecnológico em um “lugar de resistência”, no qual a estética do fragmento ainda busca a densidade da experiência.

Alfredo Bosi também nos ajuda a compreender essa densidade temporal. Segundo ele, a literatura é o “lugar da dor”, em que o tempo “adquire sentidos humanos” (Bosi, 2000, p. 84). *The Boat* (2015) atualiza essa percepção ao exigir que o leitor se engaje em uma leitura contemplativa e interativa: o tempo da obra é o tempo do engajamento sensorial, e não da urgência. Sob essa perspectiva, em Genette (1995), a categoria de duração é rearranjada; em Nunes (1988), o tempo ganha vida; em Paz (1971), o instante é completo. Como resultado, Mendilow (1972) oferece um ponto de convergência entre essas perspectivas teóricas por meio da noção de “presente ficcional”, que é capaz de combinar os tempos narrativo (Genette), vívido (Nunes), poético (Paz), denso (Bosi) e fragmentado (Han) em uma única experiência estética.

Em suma, *The Boat* (2015) materializa o ideal mendilowiano de um mundo ficcional que transcende o tempo linear e cria um presente simultâneo e multissensorial. Ao articular memória, percepção e expectativa, a obra digital cria um “tempo metatemporal” no qual cada instante carrega o vestígio do que foi e a antecipação do que ainda pode ser. Nesse mundo ficcional expandido, o tempo não é apenas um tema, mas também o sujeito da narrativa, um campo de forças no qual memória, corpo e linguagem se entrelaçam, transformando o fluxo temporal em experiência estética e ética.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados nesse estudo consistiu na junção de meta-análise, sistemática e análise literária. Conforme Whittemore; Knafl (2005), a meta-análise é formada pela pesquisa bibliográfica, que se divide em seletiva e crítica. Primeiramente ocorre a escolha do referencial teórico e em seguida a crítica desse material, por meio de um estudo aprofundado dos conceitos apresentados. Depois, o estado de conhecimento dos tópicos são compilados e analisados. Nesse caso, foi realizada a meta-análise do referencial teórico focado na categoria narrativa “tempo” baseado nos autores Bosi (1992; 2000), Candido (1995), Genette (1995), Han (2015), Mendilow (1972), Nunes (1988), e Paz (1971).

Por outro lado, a sistemática é constituída pelas etapas de análise e integração. De acordo

com Whitttemore; Knafl (2005), a etapa de análise é marcada pela análise de dados encontrados durante o processo de meta-análise, enquanto a etapa de integração refere-se a produção textual científica realizada a partir da análise. Nesse sentido, a sistemática foi usada para organização do referencial teórico e produção das seções do presente estudo. Além disso, também foi utilizada a análise literária, visto que *The Boat* (2015) é uma narrativa que incorpora elementos literários como personagem, tempo, espaço e faz parte de um tipo especial de história em quadrinhos, a narrativa digital em quadrinhos.

A sistemática e a meta-análise unidas são de grande relevância para a diminuição de conclusões subjetivas e tendenciosas. Conforme Munn *et al.* (2018), esses métodos aumentam a objetividade do estudo e a quantidade de literatura utilizada. Nesse sentido, o estudo torna-se mais complexo e objetivo, com menos possibilidades de erros conclusivos. Já a análise literária, conforme aponta Vergueiro (2017), pode auxiliar a identificar o gênero da narrativa digital e investigar temas recorrentes na obra e o próprio uso da linguagem. Assim, a análise destacou os recursos de linguagem na obra *The Boat* (2015) para a construção de uma temporalidade única que depende do leitor-usuário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da categoria do tempo em *The Boat* (2015) mostra que as narrativas digitais não apenas alteram as técnicas narrativas, mas também revisitam e transformam os fundamentos da temporalidade literária, estabelecendo uma interseção produtiva entre a teoria clássica, a teoria da consciência, a estética moderna e a crítica contemporânea. Sob a perspectiva de Genette (1995), percebe-se que a manipulação da ordem, da duração e da frequência permite configurar uma temporalidade sensorial e interativa por meio de recursos estilísticos. A "lógica das narrativas" de Genette (1995) passa a incorporar as temporalidades do usuário e da interface. Em *The Boat* (2015), o tempo deixa de ser uma função direta do enredo e do discurso para se transformar em uma dimensão experiencial.

A contribuição de Benedito Nunes (1988), aponta para o tempo literário como tempo vívido, e dessa forma, a narrativa adquire vida própria além da referência lógica. Em *The Boat* (2015), essa vida se materializa em uma imersão multissensorial no qual o leitor simultaneamente lê e sente o equilíbrio do mar, o som da água e a antecipação da viagem. Como resultado, o tempo da leitura se articula em pausas, retomadas e deslocamentos perceptivos. De acordo com o teórico,

essa dimensão do tempo está relacionada ao "tempo da presença".

Ao mesmo tempo, Mendilow (1972) nos ajuda a pensar o tempo moderno como "presente ficcional", no qual passado, presente e futuro coexistem em um campo de forças. As narrativas digitais encapsulam essa simultaneidade, permitindo que memórias e eventos sejam colocados em uma temporalidade híbrida. Essa coexistência sustenta a ideia de que o tempo em *The Boat* (2015) se define pela “simultaneidade de estados”.

Além disso, Octávio Paz (1971) introduz uma dimensão poética ao debate: o momento literário não se limita à sequência cronológica, mas se instaura uma plenitude temporal, um "presente ampliado", em que "a poesia devolve ao homem a plenitude do instante". Em analogia, *The Boat* (2015) oblitera fronteiras entre passado e presente, entre memória e acontecimento e, sobretudo, entre o leitor e a narrativa, desenvolvendo-se em experiência e não em mero consumo textual. Segundo Alfredo Bosi (1992;2000) , a literatura se passa no “lugar do desespero”, onde o tempo adquire um sentido humano, sensual e reflexivo. A narrativa digital capta perfeitamente esse momento, o leitor é obrigado a fazer uma pausa, voltar e continuar, e, ao mesmo tempo, deixa de ser um sinal de progresso para se afirmar como experiência.

A reflexão de Byung Chul-Han (2015) sobre a “crise temporal” contemporânea, que é mais atomização e dissincronia do que aceleração, oferece uma perspectiva crítica para a compreensão do que acontece na interface digital. Segundo ele, nossa era atual é dominada não por uma aceleração excessiva do tempo, mas por uma crise temporal marcada pela dissincronia, isto é, pela descontinuidade. A narrativa de *The Boat* (2015) materializa essa tensão: ao mesmo tempo em que exerce uma forma de resistência à fragmentação temporal, concedendo ritmo, espessura e presença, também opera numa estética da descontinuidade, configurando a interface como um espaço de reconfiguração temporal.

Assim, a articulação das teorias supracitadas permite afirmar que *The Boat* (2015) institui uma temporalidade híbrida e estratificada. Em primeiro lugar, essa temporalidade apresenta uma dimensão estrutural, pois, conforme Gérard Genette (1995), o tempo narrativo organiza-se por meio das relações entre ordem, duração e frequência; a obra mobiliza esses três eixos ao articular avanços, suspensões e repetições que desestabilizam a linearidade do relato. Ao mesmo tempo, configura-se como experiencial, já que, para Benedito Nunes (1988), o tempo na narrativa literária se constrói como vivência afetiva e percepção sensível, sendo modelado pela consciência que recorda. Nesse sentido, *The Boat* (2015) converte a leitura em uma experiência imersiva por meio de ritmo, silêncio, som e movimento.

A obra também assume uma temporalidade simultânea, pois Adam Mendilow (1972) argumenta que a ficção moderna pode superpor planos temporais e produzir um “presente ampliado”, no qual passado e presente coexistem; essa simultaneidade manifesta-se na justaposição de memória, trauma e fuga, que ocorrem sem hierarquia cronológica. De modo complementar, o tempo adquire uma dimensão poética, porque, para Octavio Paz (1971), a poesia rompe o fluxo cronológico ao instaurar um “instante vertical” que condensa significação; em *The Boat* (2015), isso se evidencia nos momentos de suspensão visual e sonora, que interrompem a ação para intensificar a experiência estética.

Além disso, a temporalidade revela-se densa, no sentido descrito por Alfredo Bosi (1992), para quem o tempo da memória espessa o presente e o carrega de camadas emotivas e sociais; a narrativa digital intensifica essa densidade ao permitir que cada gesto do leitor reabra memórias e regenere a cena. Por fim, a obra também manifesta uma temporalidade pós-moderna, pois, conforme Byung-Chul Han (2015), a pós-modernidade dissolve a continuidade temporal em fragmentos, acelerações e hiper estímulos; *The Boat* (2015) incorpora essa lógica por meio da interatividade, que fragmenta o tempo do relato e o redistribui segundo o ritmo de navegação do leitor. Assim, na narrativa digital da obra, o tempo deixa de se configurar como progressão cronológica e passa a constituir-se como matéria estética, ética e existencial: o leitor participa da construção do tempo narrativo, que é vivido, manipulado e negociado no ato da leitura.

CONCLUSÃO

A análise da temporalidade de *The Boat* (2015) mostra que a narrativa digital reconfigura os fundamentos do tempo narrativo. O tempo deixa de ser um termo cronológico para dar lugar às dimensões estética e sensorial, pois cada momento consiste simultaneamente em memória, presença e expectativa. A obra permite que o leitor-usuário vivencie o tempo como uma experiência, alternando entre memória, presença e antecipação, e demonstra o potencial da literatura digital em expandir os limites da narrativa, incorporando som, imagem e interação como formas de pensar o tempo e o ser. Os resultados apontam que há um novo tipo de temporalidade capaz de articular a história literária e a contemporaneidade da cultura digital. A literatura pode ser considerada "uma forma de arte social" (Candido, 1995) e também pode se revelar como uma forma de arte temporal, que está além do registro, funcionando como produtora do tempo como experiência.

As contribuições do presente estudo resumem-se a constatação de diferentes formas de tempo em narrativas digitais, como o tempo se reconfigura em ambientes virtuais e em histórias que englobam aspectos memorialísticos, como a história da imigrante vietnamita Mai. Entretanto, também há limitações em razão do recorte teórico e analítico. A análise ocorreu em apenas uma obra sustentada por uma abordagem crítica narratológica. Assim, acredita-se que tanto a obra quanto o tema da temporalidade não se esgotam, nem mesmo as diversas possibilidades de interpretação de *The Boat* e de outras narrativas digitais memorialísticas.

Recomenda-se que estudos futuros possam expandir a pesquisa por meio de análises comparativas com outras obras digitais. Além disso, também é possível considerar outras abordagens teóricas e metodológicas que podem enriquecer a compreensão do fenômeno da temporalidade. Como desdobramento, estudos futuros podem integrar diversos referenciais teóricos ou ainda investigar empiricamente a experiência do leitor em relação à obra. Portanto, abre-se um espaço promissor para novas pesquisas que explorem e desafiem as conexões entre literatura, tempo e tecnologia.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradecemos à CAPES pelo apoio financeiro para a realização desse estudo no âmbito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Letras, Câmpus Três Lagoas (PPGLETRAS UFMS CPTL).

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ática, 1995.
- GENETTE, Gérard. **Figuras III**. Trad. Ivonne Floripes Hildebrando. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo: um ensaio filosófico sobre a arte da demora**. Trad. Francisco J. C. Mendonça. Petrópolis: Vozes, 2015.

KWAK, Seo Yeon. **Digital Narratives for Self-Therapy**. Orientador: Lee Moreau. 2021. 47 p. Monografia (Bachelor of Science in Art and Design) - Massachusetts Institute of Technology. Department of Architecture, Cambridge, 2021. Available at: <<https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/139093>> Accessed on: 25 mai. 2026.

LE, Nam. **The Boat**. Sydney: SBS/The Sydney Morning Herald, 2015. Disponível em: <<https://www.sbs.com.au/theboat/>>. Acesso em: 20 set. 2025.

LEHMAN, Mike. Kinotextuality in Matt Huynh's The Boat. Crossings: Journal of Migration & Culture, v. 11, n. 2, p. 169-185, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1386/cjmc_00023_1>

MENDILOW, A. A. **O tempo e o romance**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MILES, Prue; BOLTIN, Kylie. **Creation and use of SBS's The Boat; principles for the co-creation of online interactive learning environments for innovative digital pedagogy**. Pedagogies: An International Journal, p. 1-17, 2024. DOI: <<https://doi.org/10.1080/1554480X.2024.2329059>>

MUNN, Zachary et al. **Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach**. BMC medical research methodology, v. 18, p. 1-7, 2018.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971.

PLACIDO, C. E. de A.; PINHEIRO, J. de M.; CARVALHO, F. M. The cybercultural characteristics present in the digital story The Boat (2015). Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 21, n. 10, p. e9996, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n10-423. Disponível em: <<https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/9996>>. Acesso em: 26 maio. 2026.

WHITTEMORE Robin; KNAFL, Kathleen. **The integrative review: update methodology**. California: Publishing House J Adv Nurs, 2005.